[seção Contextos]

ENTÃO É NATAL...

SO IT'S CHRISTMAS

Thiago Almeida de Freitas

¹Curso de História – Universidade Federal do Tocantins (UFT)
Contato principal: thiago_copy@hotmail.com

Resumo: Neste artigo será contada uma história de natal, não daquelas em que o papai-noel desce na chaminé de deixa presentes, não, este conto relata como uma família do interior do estado do Tocantins celebra o natal, como esta família se esforça pra estar junta nesta época “mágica”. Para além de matar a saudade da matriarca que criou seus sete filhos sozinha, os irmãos e irmãs se reencontram, os primos e primas, cunhados e concunhados, se aproximam mais e mais. As tradicionais brincadeiras como amigo oculto não são ignoradas, a decoração da casa, a árvore as bolas os sinos, cada um dos detalhes que fazem do natal, o natal, estão presentes nesta casa. Este relato em especial traz uma singularidade cheia de surpresa e reviravolta, a história relembra a importância da presença, de estar perto, olhando no olho, abraçando, sorrindo e chorando de mãos dadas como uma família.

Abstract: In this article, a Christmas story will be told, not one in which Santa Claus goes down the chimney to leave gifts, no, this tale tells how a family from the countryside of the state of Tocantins celebrates Christmas, how this family strives to be together in this “magical” time. In addition to killing the longing for the matriarch who raised her seven children alone, the brothers and sisters meet again, cousins, brothers-in-law and sister-in-law, get closer and closer. The traditional games as a hidden friend are not ignored, the decoration of the house, the tree, the balls, the bells, each of the details that make Christmas, Christmas, are present in this house. This story in particular brings a uniqueness full of surprise and twist, the story recalls the importance of presence, of being close, looking in the eye, hugging, smiling and crying hand in hand as a family.

Então é natal....

É com saudosa alegria que me recordo dos natais em família, quando tios, tias, primos, primas, vinham de todos os cantos do país se reunir no aconchego dos braços da matriarca que angustiada durante todo o ano esperava ansiosamente que os seus filhos, e filhas, genros, seus netos e bisnetos, chegassem, e quando chegavam era uma algazarra só, todos se abraçando, gritando e em meio a lágrimas de alegria e

sorrisos que mal cabiam na boca, todos lutavam por um espaço ao redor daquela que é e sempre foi o esteio de toda a família.

Especificamente no natal de 2008 nas várias festas que ocorriam entre o dia 20 e 23, porque esses eram os dias que a família ia chegando, algo estava faltando. Após a chegada dos manauaras, brasilienses, maranhenses, os belenenses não estavam completos, uma das netas não pode vir por causa do trabalho, recém empossada no concurso do Banco do Brasil não poderia estar reunida com toda a família aquele ano e um sentimento de tristeza e falta se fazia presente vez ou outra, nos almoços, na distribuição dos amigos secretos, nos mutirões para organizar a festa desde a decoração à ceia em meio a alegria e descontração aquele sentimento aparecia repentinamente.

Estava tudo pronto para o dia 24 de dezembro de 2008 no sobrado da Rua Ademar Vicente Ferreira nº 1464, em meio ao grande movimento da Av. Conego João Lima, causado pelo consumismo exacerbado que é comum a esta data. Na sala grande que era dividida apenas por uma enorme mesa de madeira rústica estavam quase todos reunidos, a árvore está no canto, de frente pra escada, as guirlandas, estrelas e sinos todos cuidadosamente organizados pela Kassandra, irmã gêmea da Jaqueline que não viera. Conversando as longas conversas que pareciam não ter fim, os sorrisos escandalosos da tia Risalva, a inquietação da Gabriela só não era maior que a alegria de estar junto com a família, A Thays tímida conversa tanto quanto podia com as primas que pareciam despertar algo nela, o jargão do tio Ronaldo ao ficar surpreso com um outro caso que era contado: “que que isso bonitão?” o ar sempre sereno e tranquilo do tio Luiz, um gaúcho de quase 1,90m de altura e seus cento e poucos quilos com o olhar alegre de ter os cunhados e concunhados perto.

A criançada, Yallie, Kaio, Cainã, fazia a festa com a manauara tia Rani, sempre alto astral e brincalhona, uma pessoa que todos fazem questão de estar perto. O tio Valdecir sempre com traquinagens e deixando a festa mais divertida sempre, procurando uma boa oportunidade pra aprontar alguma, não se aquieta nunca, senta com os homens, vai nas crianças, xereta a cozinha, se ele estiver quieto tem alguma coisa errada, tio Roberto sempre quieto e analítico está sempre observando e pronto pra fazer comentários que fazem todos sorrir, com seus fones de ouvidos no volume máximo chamar a atenção dele é sempre um desafio.

Todos subiam a escada após o termino da missa, que religiosamente devia ser assistida por todos, estas eram as ordens da matriarca. Estava na hora do tão

esperado amigo secreto que não podia passar de R\$ 20,00 (vinte reais) e aí daquele que transgredisse a regra. Quem começa? É claro só uma pessoa poderia decidir, e geralmente ela mesma começava, a matriarca, com poucas palavras falava algumas qualidades do seu amigo oculto, era sempre uma honra ser o sorteado ou sortuda sorteado por ela, mas desta vez ela tinha dois presentes na mão e com os olhos marejados disse que aquela outra lembrancinha era da Jacqueline que não estava presente, mas estava sendo lembrada.

A Chris é claro, a irmã mais nova da Jacqueline já estava chorando como era de costume, emotiva com assuntos “de família” como é de característica das librianas, não aguentava ouvir um discurso sem acabar com a maquiagem, corria logo pros braços da pessoa que estivesse do lado e o círculo ia se fechando todos se abraçando, os homens prendendo o choro, com exceção do tio Ronaldo que está sempre pronto a deixar suas lágrimas rolarem, as mulheres enxugavam tanto quanto podiam, pra cada revelação um novo mix de emoção e haja lenços pros mais de dezoito amigos secretos que seriam revelados.

Em meio a muitas tradições, uma também muito aguardada era o felizardo que seria homenageado pelo neto preferido, aquele que fora criado como filho pelos mais diversos motivos que o destino insistiu em arquitetar, a separação problemática dos pais, a dificuldade financeira e um inexplicável apego já existente. O violão não pudera ser escondido, logo não seria uma surpresa tão grande como ele iria homenagear o seu amigo secreto. Com um discurso polido e em um tom de voz calmo e contínuo naquela singela noite quis o destino que seu pai, Freitas, fosse o amigo sorteado.

Os ânimos já estavam se acalmando da última revelação que foi rápida e direta, com um tom de descontração poucos eram os que se arriscavam na nobre arte do discurso. Thiago pegou o violão e dedilhando entre as notas ré menor, sol com sétima e dó maior revelara o nome do seu pai como o sorteado, já não era possível entender o que estava acontecendo, talvez o fato de a Jacqueline não estar presente fez com que toda a família estivesse mais emotiva, e claro encorajados pelo choro da Chris, nem mesmo o cantor, o menos emotivo, conseguiu se segurar e terminar a canção: como é grande o meu amor por você de Roberto Carlos foi um desafio e tanto.

Terminado o amigo secreto não havia mais lágrimas, já estavam todos se recompondo, as mulheres em frente ao espelho tentando fazer reparos na maquiagem, no cabelo, para a tradicional foto de natal, quando a campainha toca. Todos param de uma só vez e se perguntam quem seria àquela hora. O neto mais

novo vai conferir quem é? e o grito atravessa a sala: Vó é pra senhora! Quando ela olha escada a baixo é a Jacqueline com um buquê de rosas e um carro de som, vó Jacy fica paralisada leva as mãos ao rosto e exclama: ai minha virgem Maria, vocês querem é me matar? Foi o que lhe veio à cabeça naquele momento.

Todos descem a escada segurando a mão da vó com o maior cuidado possível, poderia ser que as pernas lhe faltassem. Ela entrega as rosas, faz uma bonita homenagem e não havia uma pessoa que não passasse em frente ao sobrado da Ademar Vicente Ferreira naquele momento que não recordasse o verdadeiro sentido do natal. A família toda abraçada na calçada chamava a atenção e fez com que o fluxo de carros atrapalhasse a tráfego na Cônego João Lima, que não entendiam o que estava acontecendo logo ali na frente.

A família estava toda reunida, ao redor da mesa de mãos dadas uma oração conduzida pela tia Rosângela que com todo o seu coração e alma expressava sua fé agradecendo à virgem Maria e ao menino Jesus pelo alimento, saúde, à união, os motivos eram os mais diversos e foram pontuados por cada um que quisesse se manifestar naquele momento. Todos se sentaram e entre a comida, conversa jogada fora, brincadeiras inacabáveis do Valdeci sempre procurando algo pra aprontar como um menino traquina de cinquenta e poucos anos, a noite perfeita foi terminando, deixar a cozinha arrumada, a pia limpa, o chão impecável pois os colchões seriam estirados ali mesmo e entre roncões de muitos e peidos de outros a noite especial de natal ia terminando e o sentimento de saudade misturado com a ansiedade de que o próximo chegasse logo começava a ganhar espaço no coração de um e de outro.

O almoço de domingo do dia vinte e cinco é na fazenda do tio Luiz, um paraíso particular onde temos o privilégio de nos reunir em família, algumas tradições existem por lá também e essa é especialmente divertidíssima, o futebol em família, ao som de muitos gritos e gargalhadas, para muitos era a única vez no ano em que jogavam futebol, para tio Ronaldo e Freitas, meu pai, que na juventude jogaram em times tradicionais da cidade tinha um tom nostálgico.

Ali cada minuto era aproveitado, o mundo parecia tranquilo e bom, as preocupações eram colocadas de lado e só o que importava era o agora, a família, as brincadeiras, os sorrisos, os sotaques, a típica magia do natal dominava o ambiente e nos fazia querer estar juntos novamente no próximo ano.

E assim termina esta história que gira em torno da matriarca Jacy, retirante do interior do Maranhão, que na infância tinha que subir em tamboretes para poder lavar

louça, que não desanimou de sua fé nos momentos difíceis, lutou não só porquê é forte mas por que não tinha outra opção e fez da luta a sua companheira, não da pra imaginar o que passa em sua mente vendo todo esse povo ao seu redor, se descambando de suas casas para poder ter um pouco com ela. Tanta admiração e amor não são por acaso, são frutos de árvores que um dia foram plantadas e regadas com suor e perseverança.

As malas já estão nos carros, um a um vão indo embora os filhos, vão tocar a sua vida, como diz ela sabiamente: “agente” cria filho não é pra gente, “agente” cria filho é pro mundo. Fica a saudade, o aperto no coração de que todos cheguem bem e que retornem, afinal de contas só faltam 363 dias pra que comece tudo novamente.

Anexos ou Apêndices

Figura 1: Foto em família

Fonte: Acervo pessoal da família Freitas

Figura 2: Campo de futebol da Fazenda Zaions

Fonte: Acervo pessoal da família Freitas.